

MAL-ESTAR E ATIVIDADE DOCENTE: UM ESTUDO COM PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL¹

Malaise and teaching activities: a study of infant education teachers

ANDRADE, Lucas Veras de²

RESUMO

A proposta do trabalho é discutir o fenômeno do mal-estar docente. Objetivou-se verificar esse fenômeno em uma escola de educação infantil da rede municipal de Teresina (PI), apontar suas causas e consequências para as professoras analisadas, assim como para o centro de educação. A pesquisa é de natureza qualitativa, um estudo de caso que iniciou a partir de um levantamento bibliográfico a respeito do trabalho docente, do mal-estar na docência e, por fim, da síndrome de *burnout*. A coleta de dados se deu juntamente a quatro professoras, sendo aplicado um questionário semiestruturado, com questões abertas e de múltipla escolha, analisado a partir da técnica de análise de conteúdo que girou em torno de três categorias: expectativas das professoras em relação à docência, fontes geradoras de mal-estar na profissão docente e consequências do mal-estar docente. Os resultados indicam a existência de fontes geradoras de mal-estar inerentes às condições em que se exerce a docência, bem como consequências que incidem tanto sobre a prática docente como também sobre a saúde das professoras, como cansaço físico, mental, irritabilidade, entre outras.

Palavras-chave: Mal-Estar Docente; Síndrome de *Burnout*; Educação Infantil.

Abstract

Our purpose is to discuss the phenomenon of teacher malaise. The objective was to verify this phenomenon in a kindergarten school in the municipal Teresina (PI), and to identify its causes and consequences for the teachers analyzed, as well as the education center. The research is qualitative, a case study, which started from a literature survey about the teaching, malaise in teaching and eventually burnout. Data collection took place along with 4 (four) teachers, and applied a semi-structured questionnaire with open questions and multiple choice, analyzed through the technique of content analysis, which was around three categories: teachers' expectations in relation to teaching; generating sources of malaise in the teaching profession and consequences of teacher malaise. The results indicate the existence of sources of discomfort inherent to the conditions in which teaching and has consequences that focus on both teaching practice but also on the health of teachers, such as physical fatigue, mental irritability and others.

Keywords: Teacher Malaise; *Burnout* Syndrome; Early Childhood Education.

¹ Agradeço imensamente à Ana Caroline Viana de Melo, pelas sugestões que certamente trouxeram valiosas contribuições à nossa investigação e às professoras entrevistadas, pela disponibilidade em participar deste estudo.

² Professor das Séries Iniciais do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Teresina – SEMEC, Licenciado em Pedagogia com habilitação em Gestão Educacional pela UFPI, Bacharel em Biblioteconomia pela UESPI. E-mail: lukkandrade22@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O ser professor é uma ocupação muito estressante e tarefa muito difícil. Devido a isso, pode produzir reflexos evidentes na saúde mental, física e principalmente no desempenho profissional. A docência é considerada uma atividade que demanda esforço e compromisso e que, muitas vezes, perpassa as habilidades intrínsecas de cada docente, as adquiridas na formação inicial e principalmente as que incidem diretamente na mediação do processo de conhecimento com o aluno, as de natureza pedagógica.

Desse modo, ampliaram-se as atribuições desse profissional para além da sala de aula, e estas demandas fazem com que os docentes desencadeiem mal-estar e sejam, cada vez mais, alvo de investigações, pois no exercício da sua profissão eles se deparam com situações, como já mencionado, que perpassam suas competências.

O interesse pelo desenvolvimento dessa investigação relacionada à docência e mal-estar aconteceu no decorrer da graduação e especificamente na vivência do estágio. Através de observações e grande repetição de queixas das professoras de um centro de educação infantil, pudemos perceber que aparentemente as mesmas poderiam estar vivenciando e/ou desenvolvendo situações de mal-estar docente. O mal-estar é desencadeado em função da atividade docente ser complexa, desgastante e, muitas vezes, comprometer a saúde física e mental do professor, proporcionando tensões em sua prática pedagógica e contribuindo para minimização da qualidade do trabalho desse profissional.

A motivação para a realização deste trabalho é baseada num levantamento em anais de eventos, artigos onde percebemos poucos estudos na área e mais precisamente no município de Teresina (PI), bem como num interesse pessoal que se alia ao interesse científico pelas áreas da Psicologia do Trabalho e da Educação.

O mal-estar ocupacional foi conceituado por Cox (1978) como sendo a percepção do trabalhador acerca do desequilíbrio entre as demandas existentes no trabalho e sua habilidade e/ou possibilidade para lhes responder. O mesmo pode ainda ser considerado como um "conjunto de perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico, associado às experiências de trabalho" (DEJOURS, 1992, p.45). Nessa perspectiva, o mal-estar ocupacional é desencadeado pelos problemas ocasionados no trabalho e representa uma das principais manifestações de que algo não vai bem.

Atualmente, o mal-estar ocupacional pode ser encarado como um fenômeno e/ou doença social, efeito de mudanças sociais, políticas e econômicas que incidem diretamente em determinadas profissões. No contexto educacional pode ser causado por vários fatores, entre eles: a desvalorização profissional, condições de trabalho e, em muitos casos, até pelo mau relacionamento entre professor-professor e aluno-professor.

Esteve (1999) define mal-estar docente como os aspectos negativos que prejudicam a atividade docente, ou seja, as condições de trabalho e psicológicas. Considera-se um desequilíbrio entre a atividade docente e as demandas impostas pela sociedade atual, como situações conflituosas e de alta exigência em seu desempenho, que comprometem a prática pedagógica

e desenvolvem na classe evidente desgaste físico e emocional. O que muitas vezes pode desencadear uma síndrome denominada de *burnout* e que pode levar o indivíduo à desistência da profissão.

Codo (2002) caracteriza a síndrome de *burnout* como uma das consequências mais marcantes do estresse ocupacional. O indivíduo acometido pela síndrome manifesta intenso sentimento de frustração e exaustão em relação ao trabalho desempenhado. Ela faz com que o docente não veja sentido na atividade que realiza e que qualquer esforço pareça inútil. Dessa maneira, é fácil perceber que a síndrome de *burnout* é um dos principais problemas dos docentes.

Entendemos a síndrome de *burnout* na atividade docente como um fenômeno de teor complexo e que pode ser compreendido a partir de várias dimensões, ou seja, pode resultar da interação de aspectos individuais e do espaço laboral. Ela aparece em um processo gradativo e evolutivo, podendo levar vários anos até que o profissional sinta-se impossibilitado de continuar exercendo o seu trabalho, prejudicando o ambiente escolar, os objetivos pedagógicos, gerando aversão, insatisfação e ineficácia diante do próprio trabalho, interferindo na saúde e, nos casos mais graves, levando ao abandono da profissão, como já mencionamos.

Desse modo, definimos como questão de partida desta investigação, a seguinte formulação: Existe no contexto atual da escola investigada mal-estar docente? Dessa forma, temos como objetivo geral do nosso estudo analisar as expectativas em relação à docência das professoras da escola pesquisada em dois momentos profissionais: um primeiro, em início de carreira, e outro, atualmente. Temos como objetivos específicos salientar os fatores geradores na escola de mal-estar docente e demonstrar as consequências deste fenômeno para as profissionais em questão.

Na busca de solucionar o problema de pesquisa aqui evidenciado e de seus objetivos, estruturamos nossa investigação em tópicos, sendo o primeiro a introdução, quando evidenciamos os objetivos, bem como os fatores que nos levaram ao desenvolvimento da pesquisa; no segundo tópico descreveremos a metodologia, o passo a passo de nosso estudo; no terceiro apresentaremos a conceituação do mal-estar, demonstrando a relação deste fenômeno com a atividade docente, esclarecendo ainda a síndrome de *burnout*, um tipo de estresse ocupacional no qual a profissão docente está vulnerável na atualidade. No quarto tópico se discute os resultados das análises realizadas e, por fim, as considerações finais, que retomam os principais achados da pesquisa.

2. METODOLOGIA

O estudo realizado é de natureza qualitativa, sendo caracterizado, conforme Richardson (2008, p.90), “como uma tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”. Sendo do tipo estudo de caso, permitiu identificar os aspectos que determinam ou contribuem para a ocorrência do fenômeno do estudo. A pesquisa teve como respondentes 4 (quatro) profissionais em educação, sendo todas professoras da rede municipal de ensino que atuam na educação infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil localizado no

bairro Alto Alegre, na zona norte da cidade de Teresina (PI).

O instrumento de coleta de dados utilizado foi o questionário, por entendermos que ele traduz os objetivos da pesquisa, em perguntas claras e objetivas, e propicia ao pesquisador determinado conhecimento. Utilizamos questões abertas e de múltipla escolha; a do primeiro tipo por permitir ao informante liberdade ao responder, usando linguagem própria e emitindo opiniões e a do segundo tipo por apresentar uma gama de possíveis respostas, abrangendo várias facetas de um mesmo assunto. Escolhemos como técnica para analisar os dados a análise de conteúdo, que entendemos como um conjunto de métodos sistemáticos aplicáveis a discursos diversos.

O critério que justifica a escolha exclusivamente do centro infantil mencionado como lócus de pesquisa, bem como a utilização de apenas 4 (quatro) questionários para análise, se dá pelo fato de no momento do desenvolvimento do estudo o pesquisador estar desenvolvendo atividades pedagógicas no referido centro de ensino, pelo fácil acesso à instituição, pela contribuição voluntária das professoras, pelo fato de as mesmas terem formação em nível superior em Pedagogia, estarem em exercício efetivo na Secretaria Municipal de Educação de Teresina e por acreditar que, dentre os vários centros de educação infantil do bairro, o citado é o que mais demonstra, por suas condições estruturais, estar favorável ao desencadeamento do fenômeno mencionado em nossa investigação.

3. O FENÔMENO DO MAL-ESTAR DOCENTE

O precursor do conceito de mal-estar foi Freud, em meados de 1930, onde focava a relação do mal-estar da civilização e o desgaste dos sujeitos, o descobrimento e a conquista do prazer pelo indivíduo. Com relação à docência, na visão de Esteve (1999), usa-se o termo “mal-estar docente” desde 1957 e este indica os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. Nós o entendemos como efeitos de caráter negativo que fragilizam a personalidade do professor e comprometem seu desempenho na atividade exercida.

O mal-estar docente comunica problemas com os quais os docentes se deparam no exercício da profissão e que despontam cada vez mais nas instituições de ensino. Em estudo realizado sobre o estresse na docência, Pinto (2005) afirma que os professores estão entre os trabalhadores com os maiores níveis de estresse. Dessa forma, evidenciamos que ensinar atualmente é uma atividade normalmente estressante, com repercussões evidentes na conduta física, mental e no desempenho docente, sendo assim apontada como uma das profissões que mais causa desgaste e, por conseguinte, mal-estar.

Percebemos que os docentes vivem constantemente o conflito entre o papel de educador e o de transmissor do conhecimento. Exige-se que eles acompanhem as constantes mudanças sociais, diversifiquem os programas de ensino e os materiais didáticos, tendo assim um trabalho excessivo, ficando sujeitos à pressão constante do tempo.

Aliado a isso, há os problemas que envolvem a profissão, como indisciplina

discente, desvalorização salarial, violência no trabalho, falta de condições para o desempenho de suas tarefas, aumento das exigências e expectativas sociais e que contribuem para o aparecimento do mal-estar docente.

Os problemas correlacionados à profissão são preocupações constantes a todos os trabalhadores da classe, de tal modo que os estressores - a própria carga que a função exige, condições de trabalho, exigências do contexto social que veem o professor como alguém que vai dar as respostas e preparar o alunato para o futuro - são cada vez maiores objetos de importância reconhecida por pesquisadores do assunto.

Diante das diversas dificuldades cotidianas em que os professores encontram-se submetidos, diversos são os estudos sobre o estresse ocupacional que acomete estes profissionais e suas consequências na vida desses indivíduos (ESTEVE, 1999; MELEIRO, 2002; NUNES SOBRINHO, 2002).

Para Nunes Sobrinho (2002, p.82), o estresse ocupacional constitui-se em

[...] experiência extremamente desagradável, associada a sentimentos de hostilidade, tensão, ansiedade, frustração e depressão, desencadeados por estressores localizados no ambiente de trabalho. Os fatores contribuintes para o estresse ocupacional vão desde as características individuais de cada trabalhador, passando pelo estilo de relacionamento social no ambiente de trabalho e pelo clima organizacional, até as condições gerais nas quais o trabalho é executado.

Assim, o mal-estar ocorre na medida em que existe um estímulo, um agente estressor, que cause um desequilíbrio, proporcionando insatisfação ou prejuízo às necessidades, tanto físicas quanto psicológicas, caso o indivíduo não apresente uma resposta de adaptação para o evento ocorrido.

Os problemas relacionados à insatisfação docente são bem conhecidos e se apresentam ao longo do ano letivo cujo auge se apresenta nos professores no fim do ano. Sabe-se também que o agravamento dos sintomas de mal-estar pode gerar a síndrome de *burnout*, que demonstra a atuação docente como uma profissão de risco mental e físico.

Os agentes estressores são classificados em duas categorias: eventos externos e internos, sendo que os primeiros eventos referem-se a fatos existentes no ambiente e na interação que a pessoa estabelece com os fatos e que possam envolver sua atuação profissional. No caso dos estressores internos, eles dizem respeito a características inatas ou adquiridas de cada indivíduo que, segundo Lipp (2002), estão ligadas ao mundo particular do indivíduo e sua forma de resposta às situações cotidianas.

A forma pela qual o professor lida com esse cenário cotidiano aversivo pode refletir de maneira negativa e gerar problemas físicos e psicológicos no mesmo. E não é só o professor que é diretamente afetado, alunos também são prejudicados pelo mal-estar dos docentes, muitos conteúdos são suplantados, os mesmos, na maioria das vezes, não são ministrados com a devida atenção e, se existe a possibilidade de reposição, essa é feita às pressas, e isso quando é feita.

Na visão Webler e Ristow (2006), não existem doenças que possam ser atribuídas especificamente aos docentes, mas os problemas como mal-estar os afastam das salas de aula e dão indícios de que estes são os problemas

mais recorrentes.

Ainda segundo os autores, na atividade docente muitas vezes só são reconhecidas aquelas doenças que se expressam na forma de sintomas muito evidentes para serem escondidos, tais como: nervosismo na escola e em casa, explosão na forma de agressão verbal com alunos ou colegas, perda de voz, cansaço e mal-estar, dores em função de gastrites, emagrecimento ou obesidade evidente.

Nesse sentido, o trabalho vem com a proposta de identificar os efeitos negativos do mal-estar almejando a possibilidade de eliminação de situações de degradação do coleguismo no ambiente de trabalho e a promoção do bem-estar profissional, que na visão de Meleiro (2002, p.32) é entendido como “[...] a criação de um ambiente destinado à troca de experiências entre os docentes”. Quando há troca de informações e a solidariedade ocorre, é possível alcançar retornos positivos, como a diminuição dos riscos de novas doenças.

A pesquisa sobre a atividade docente é um campo em construção, complexo e muito diverso, que merece se tornar ouvido no reclamo dos docentes por melhores condições de trabalho no contexto educacional.

Desse modo, a atividade docente, como qualquer outra profissão, está sujeita a doenças ocupacionais causadas por conta do trabalho, entre elas a síndrome de *burnout*, já citada anteriormente e que abordaremos a seguir.

3.1. Síndrome de *Burnout*

Trata-se de um problema, uma síndrome que afeta principalmente profissionais da área de serviços que proporcionam contato direto com seus usuários, não está ligada exclusivamente aos professores, entretanto a área da docência é a que vem demonstrando, segundo Nunes Sobrinho (2002), maiores incidências.

Lipp (2002) conceitua *burnout* como um tipo especial de estresse ocupacional que se apresenta como um profundo sentimento de frustração em relação à atividade profissional desempenhada. Dessa forma, a entendemos na profissão docente como uma exaustão física e emocional que começa com um desconforto e progressivamente aumenta, na medida em que a vontade de lecionar diminui.

Reconhece-se *burnout* em professores na maioria das vezes pela ausência de alguns fatores motivacionais como: entusiasmo, satisfação, interesse, vontade, ideias, concentração, autoconfiança e humor. Assim, a mesma se configura como um risco a que estão expostas especialmente as pessoas que trabalham em profissões de ajuda, as quais têm como traço marcante os contatos interpessoais muito intensos, como acontece com os docentes.

A definição mais reconhecida de *burnout* é baseada na perspectiva social-psicológica de Maslach e colaboradores, sendo que esta foi elaborada a partir de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Pessoal no Trabalho.

Maslach, Schaufeli e Leiter (2001 *apud* CARLOTO, 2002, p.23), assim, definem as três dimensões da síndrome: Exaustão Emocional, caracterizada

por falta ou carência de energia, entusiasmo e um sentimento de esgotamento de recursos; Despersonalização, que se caracteriza quando o indivíduo se demonstra insensível e trata clientes, colegas e a organização como objetos; e Baixa Realização Pessoal no Trabalho, que é tida como uma forte tendência de o trabalhador se autoavaliar de forma negativa.

Existem muitas divergências no que diz respeito à conceituação da síndrome de *burnout*, entretanto, em pelos menos cinco pontos todas elas assemelham-se, como afirma Maslach, Schaufeli e Leiter (2001 *apud* CARLOTO, 2002, p.23), como, por exemplo: (1) existe a predominância de sintomas relacionados à exaustão mental e emocional, fadiga e depressão; (2) existe ênfase nos sintomas comportamentais e mentais e não nos sintomas físicos; (3) os sintomas do *burnout* são relacionados ao trabalho; (4) os sintomas manifestam-se em pessoas normais que não sofriam de distúrbios psicopatológicos antes do surgimento da síndrome; (5) existe diminuição da efetividade e do desempenho no trabalho que ocorre por causa de atitudes e comportamentos negativos.

Assim, na proporção em que entendemos as demandas atuais dos professores e a síndrome como fenômeno psicossocial, identificando dimensões e suas causas, podemos pensar em ações que possibilitem prevenir ou até mesmo suplantar *burnout*. A seguir apresentaremos os dados de nossa pesquisa, bem como a discussão dos resultados obtidos, no intuito de averiguar a existência do fenômeno estudado na escola observada.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Apresentamos neste tópico os dados coletados a fim de analisar as respostas das professoras, buscando compreender as concepções das mesmas sobre a temática pesquisada. A análise está organizada em três categorias: Expectativas em Relação à Docência, Fontes Geradoras de Mal-Estar na Profissão Docente e por último as Consequências do Mal-Estar Docente, que se detalharão a seguir.

4.1. Expectativas das professoras em relação à docência

São elevadas as expectativas sociais em relação ao desempenho docente e essa cobrança frente ao professor é justificável pela importância que a educação assume na sociedade. Assunção (2003), em seus estudos, afirma que as expectativas dos professores se encontram no centro das atenções e caracterizam as circunstâncias em que o professor desempenha suas funções para se chegar aos resultados pretendidos. Outros autores, como Codo (2002) e Araújo *et al.* (2005), discutem o sentimento de desesperança e angústia quanto às mudanças nas políticas educacionais e poucas expectativas quanto à melhoria das condições de trabalho.

Desse modo, na medida em que a sociedade cria expectativas em relação ao professor, o professor também traz consigo expectativas em relação à docência e a todo o sistema educacional. Nessa perspectiva e dentro da categoria Expectativas das Professoras em Relação à Docência foi possível organizar as respostas das mesmas em dois momentos: o primeiro, em que se perguntou sobre as expectativas das professoras em relação à docência em início de carreira e, conseqüentemente, que expectativas as mesmas

possuíam em relação à docência atualmente, como mostraremos a seguir.

4.1.1 Expectativas em início de carreira

Segundo Huberman (2000), o momento do início da docência é caracterizado por duas vertentes: pelos estágios de sobrevivência e pela descoberta. Assim, nesse momento o professor se encontra diante de um choque real que muitas vezes está muito distante entre o ideal e a vivência cotidiana.

De acordo com esse autor, o professor só consegue enfrentar essa primeira vertente por acontecer paralelamente à descoberta. Instigamos as nossas professoras pesquisadas a exporem suas expectativas em início de carreira e com base em seus discursos organizamos suas respostas em duas subcategorias denominadas: *Expectativas Elevadas* e *Expectativas Baixas*.

Entendemos por expectativas elevadas em relação à docência a identificação com a profissão docente e, por conseguinte, baixa expectativa o contrário. Mostraremos a seguir, mediante os discursos das professoras, a primeira subcategoria: a das *Expectativas Elevadas*, que é composta de 50% das respostas analisadas, como detalharemos a seguir.

Meu nível de expectativa no início da carreira foi e ainda hoje é alto. Desde a escolha da licenciatura em Pedagogia estava certa que gostava da área e que a profissão me realizaria pessoal e profissionalmente, deposito grandes expectativas em ser uma boa profissional. (P2)

Acredito que, como todo professor que está iniciando a profissão, esperava mais retorno dos alunos e imaginava que seria bem aceita pelos mesmos. (P4)

Segundo **P2**, suas expectativas em relação à docência no início de carreira eram altas. Podemos ainda perceber a questão da identidade do “ser professor” em sua fala. Também observamos as mesmas expectativas com relação à **P4**, entretanto, a mesma demonstra certo desconforto em relação ao retorno dado a ela pelos alunos mediante a sua prática docente.

Podemos inferir que as expectativas das professoras em relação à docência em início de carreira eram positivas, entretanto, **P4** demonstrou ter tido tanto expectativas com relação à docência como também com relação ao desenvolvimento dos alunos em nível de aprendizagem e aceitação dos mesmos em relação a ela enquanto professora.

Encontramos base para compreender o discurso de **P2** nos estudos de Tapia e Fita (1999, p.77), onde os autores afirmam que “ter expectativas altas em relação à docência depende da motivação relacionada com o eu, com a autoestima decorrente dos aspectos relacionais e afetivos [...]”. Os autores ainda evidenciam que os êxitos e fracassos definem o autoconceito com relação à categoria, ajudando-o a formar uma imagem positiva ou negativa, motivando, dando confiança e autoestima, impulsionando a seguir adiante com a profissão.

Podemos perceber, como já mencionamos, que **P4** possuía boas expectativas em seu início de carreira, entretanto percebemos, embora não esteja explícito em seu discurso, que ela se encontrava desmotivada no início da carreira ao mencionar “esperava mais retorno dos alunos e imaginava que seria bem aceita pelos mesmos”. Com relação a isso, Nimitz e Pinto (2008, p.165) afirmam que

a motivação é muito importante na formação do pedagogo, sendo responsável pelo fortalecimento de sua opção profissional e de sua prática pedagógica. Por isso, é necessário conhecer as variáveis pessoais que influem no interesse e na motivação, assim como as formas de atuação do professor que podem interagir em sua prática pedagógica [...].

Desse modo, percebemos a importância da motivação para quem está exercendo a docência, pois ela, como observar-se na citação do autor, é fator de interferência no desempenho profissional. Como também pode “influenciar a prática docente, expectativas e consecução de objetivos pessoais e profissionais” (NIMITT; PINTO, 2008, p.165).

Jesus (2000, p.435-436) destaca que a “motivação para a profissão docente é um aspecto essencial a ser considerado em qualquer análise que se pretenda fazer da educação escolar”. Este evidencia ainda que são os próprios docentes que reconhecem a sua motivação como primordial para concretizar os objetivos do sistema educativo.

Com relação à segunda subcategoria denominada *Expectativas Baixas* em início de carreira, que contamos com 50% das participantes também, em seus discursos revelaram:

No início eu me absteve da profissão, sem incentivo e motivação para abraçá-la. (P1)
Expectativa baixa ou nenhuma, uma vez que todos os males da educação têm como culpado o PROFESSOR. (P3)

Segundo P1, ela não possuía incentivo nem motivação, ou seja, sem expectativas, o que também é evidenciado na fala de P3. Entretanto, P3 justifica sua ausência de expectativas com o fato de culparem o professor pelos males da educação.

Não podemos fazer inferência a respeito do discurso de P1 no que se refere aos motivos que levaram a mesma a não desenvolver expectativas. Entretanto, em P3 podemos inferir que seus motivos estão relacionados ao aumento das exigências em relação ao professor.

Nessa perspectiva, Rodrigues (2009, p.40) afirma que este processo é resultante das mudanças sociais, as quais recaem sobre os docentes, sendo isso uma concepção que diversos autores pesquisam, como, por exemplo, Esteve (1999); Jesus (2000), entre outros.

Como mencionamos, a categoria *Expectativas em Relação à Docência* foi dividida em dois momentos vividos pelas professoras analisadas. Demonstraremos a seguir o outro momento, no qual denominamos de *Expectativas Atuais* cujos depoimentos estão organizados em duas subcategorias.

4.1.2. Expectativas atuais

No contexto das expectativas atuais, encontramos falas que remetem a duas subcategorias: Das 4 (quatro) professoras entrevistadas, 50% continuaram com *Expectativas Elevadas* atualmente e outras 50% se mantiveram negativamente, ou seja, com *Expectativas Baixas* em relação à atividade docente.

Em relação à primeira subcategoria, a das *Expectativas Elevadas*, encontramos discursos em que as professoras versam:

[...] Crescer academicamente e tornar-me diretora. (P2)
Expectativas em ser uma boa profissional da área. (P4)

Segundo **P2**, suas expectativas com relação à docência giram em torno da busca de uma formação continuada e em assumir cargos administrativos, como pode ser visto em sua fala “tornar-me diretora”. Já em **P4**, sua expectativa está envolta pela qualidade da sua prática enquanto profissional.

Podemos inferir que ambas se mantiveram com expectativas elevadas, se compararmos com seus discursos em relação às expectativas em início de carreira. As expectativas das mesmas, a nosso ver, possuem valores significativos tanto para o processo de formação como para prática pedagógica. Com relação a isso, Nimitz e Pinto (2008) afirmam que as expectativas e a motivação têm valor significativo, uma vez que são fundamentais enquanto motivadoras e facilitadoras no processo educacional.

Em relação à subcategoria das *Expectativas Baixas*, onde as professoras se mantiveram negativamente em relação à docência, tivemos as seguintes respostas:

Gosto muito de alfabetizar, mas sinto que trabalhando na educação infantil tenho meu tempo limitado pra tentar um mestrado, viajar, estudar mais e buscar novos caminhos pra continuar ensinando e aprendendo. Por isso, vez ou outra, penso em largar a sala de aula pra estudar, porém a ideia de abster-me dela (sala de aula) vai embora pela necessidade financeira. (P1)
Sinto-me desvalorizada pelos órgãos educacionais públicos. (P3)

Na visão de **P1**, ela gosta de alfabetizar, entretanto, sente que o trabalho como educadora, e em especial na educação infantil, a limita, impossibilitando-a de buscar uma formação continuada, como podemos observar em sua fala: “tenho meu tempo limitado pra tentar um mestrado”. Para **P3**, sua desmotivação está ligada à desvalorização da docência pelos órgãos públicos.

Podemos inferir que mesmo **P1** gostando de alfabetizar, como mencionado em sua resposta, ela se mantém como educadora apenas pela condição financeira. Já na resposta de **P3** percebe-se que o sentimento de desvalorização e a expectativa baixa sobre a docência advêm da política educacional.

Nesse contexto de expectativas em relação à docência, podemos fazer referência à síndrome de *burnout* e conseqüentemente aos estudos de Carlotto (2002), em que ela afirma que idealizações com relação ao trabalho podem propiciar o surgimento de *burnout*.

Outras grandes referências em *burnout* na docência são os estudos de Maslach e Jackson (1984 *apud* CARLOTTO, 2002) e Maslach & Goldberg (1998 *apud* CARLOTTO, 2002), e ambos afirmam que a educação pode ser associada ao *burnout* devido ao alto nível de expectativa dos professores, o qual não pode ser totalmente preenchido.

Em nossas leituras sobre *burnout* podemos perceber que quanto maior a expectativa com relação à atividade docente que o professor vier a desenvolver e se estas não forem atendidas, maior a possibilidade de esse profissional vir a desenvolver a síndrome. Diante das respostas de nossas pesquisadas, nas quais buscamos investigar suas expectativas em relação à

atividade docente em dois momentos profissionais de suas carreiras (início e atualmente), podemos inferir que elas não estão propícias ao desenvolvimento da mesma, pois em seus discursos em nenhum momento percebemos expectativas frustradas.

Como já evidenciamos anteriormente, todas elas demonstraram atualmente estar com o mesmo grau de expectativas em relação ao início de carreira. Apresentaremos a seguir a categoria das fontes geradoras de mal-estar na profissão docente.

4.2 Fontes Geradoras de Mal-Estar na Profissão Docente

No tocante às fontes geradoras de mal-estar na docência, nossas professoras evidenciaram vários fatores que, segundo elas, desencadeiam mal-estar na profissão docente. Esses fatores foram agrupados por ordem de proximidade e organizados em duas subcategorias que, com base nas ideias de Esteve (1999), nomeamos de: *Fatores Contextuais* e *Fatores Principais*.

Esteve (1999) classifica os prováveis fatores que desencadeiam mal-estar no professor sob dois enfoques, o primeiro como sendo fatores contextuais e o segundo como principais. Os fatores de ordem contextual dizem respeito a fatores que podem desencadear nos professores sentimentos negativos e de tensão com relação à sua prática cotidiana. Os fatores principais são aqueles que interferem na prática direta do docente como, por exemplo, as condições de trabalho, ou seja, o contexto em que se exerce a docência.

Uma vez explicado em que consiste cada subcategoria, evidenciaremos a seguir, as respostas fornecidas pelas professoras e organizadas em suas respectivas subcategorias, o número de vezes em que cada resposta se repete e o percentual que cada uma representa (QUADRO 1).

Foram evidenciados 8 (oito) fatores como fontes geradoras de mal-estar docente na escola analisada. Deste total, podemos dizer que 50% dos fatores encontram-se dentro dos *Fatores Principais* e os outros 50% dentro dos *Fatores Contextuais*, como evidenciado no QUADRO 1. Na subcategoria dos *Fatores Principais*, na perspectiva das falas das analisadas, temos:

A carga horária de trabalho e as salas de aulas sem nenhuma estrutura para desenvolver um trabalho de qualidade e superlotadas de alunos. (P1)
Carga horária [...], baixos salários, a desvalorização profissional. (P2)
A esgotante carga horária. (P3)
Salários defasados e a carga horária [...]. (P4)

Como já mencionamos, consideram-se inclusos neste grupo fatores que podem desencadear nos professores sentimentos negativos e de tensão com relação à sua prática cotidiana. Sendo assim, conforme o depoimento de P1, pode-se perceber que ela destaca como um fator de mal-estar a longa jornada de trabalho, que também pode ser demonstrado nas falas de P2 e P4. Entretanto, P1 ainda menciona salas de aulas sem infraestrutura, bem como salas de aula superlotadas. Nas palavras de P2 e P4, evidencia-se como fator de mal-estar a questão salarial e P2 amplia a discussão mencionando a desvalorização profissional. Dessa forma, podemos inferir nas palavras de todas as professoras que o maior fator gerador de mal-estar na atividade docente exercida por elas na atual situação laboral da escola analisada é a excessiva carga de trabalho. Com relação a isso, Esteve (1999,

p.59) afirma que:

[...] o professor está sobrecarregado de trabalho, obrigando-se a realizar uma atividade fragmentária, na qual deve lutar simultaneamente, e em frentes distintas: deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente as crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também os mais lerdos, que têm que ir mais devagar; deve cuidar do ambiente da sala de aula, programar, avaliar, orientar receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades para o centro, atender frequentemente a problemas burocráticos [...], a lista de exigências parece não ter fim.

QUADRO 1: AS FONTES GERADORAS DE MAL-ESTAR DOCENTE NAS PROFESSORAS

Fatores Principais	Número de Vezes	Fatores Contextuais	Número de Vezes
Carga horária	04	Desrespeito perante o professor	02
Infraestrutura	01	Indisciplina dos alunos	02
Salários defasados	02	Falta de compromisso dos pais	01
Salas superlotadas	01	Relações interpessoais entre os colegas de profissão	01
Total	08		06
Porcentagem	50%		50%

Fonte: Dados da pesquisa.

A citação do autor demonstra uma acumulação de responsabilidades e expectativas que estão em desequilíbrio com o tempo e o meio dos quais os professores dispõem, o que faz com que os mesmos desenvolvam seus trabalhos com má qualidade. A segunda subcategoria denominada de *Fatores Contextuais* se demonstra com o mesmo número de fatores citados na subcategoria dos *Fatores Principais*, ou seja, com cerca de 50%, onde demonstraremos a seguir, mediante os discursos das professoras:

O desrespeito perante o professor; a indisciplina dos alunos; a falta de compromisso dos pais. (P2)

O comportamento dos alunos; o descaso com a opinião dos professores perante os órgãos superiores da educação; as relações interpessoais negativas com os colegas de profissão. (P4)

Nossas informantes revelaram considerar os fatores secundários como sendo os que mais proporcionam a elas sentimentos de mal-estar na profissão docente. Na fala de P2 é evidenciada a indisciplina, que também pode ser vista no comentário de P4. P2 ainda menciona o desrespeito com relação à figura do professor.

P4 chama a atenção para o desrespeito emitido pelos órgãos superiores que competem à direção da educação como um todo e cita as relações

interpessoais como um fator desencadeador de mal-estar docente. **P2** destaca ainda a falta de compromisso dos pais em relação ao acompanhamento escolar dos alunos.

Podemos perceber que vários foram os fatores secundários apontados como desencadeadores de sentimentos negativos com relação à docência para as professoras. Com relação a esses fatores, Rodrigues (2009) diz que as fontes vinculadas ao contexto socioeducativo dizem respeito à relação da escola com a sociedade, considerando que a sociedade atualmente caracteriza-se mais pelo conflito do que pelo consenso social.

O autor ainda diz que esses fatores referem-se aos fenômenos sociais que influenciam na imagem que o professor tem de si mesmo e sobre o seu trabalho. Na perspectiva de fenômeno social, Esteve (1999), Jesus (2000) e Codo (2002) afirmam que o trabalho docente nas últimas décadas requer mais responsabilidades e exigências, e isso sobrecarrega os educadores devido à rápida transformação do cenário social que vem produzindo modificações no papel deste profissional.

Esteve (1999) revela em seus estudos que as causas do mal-estar geram consequências para o docente. Desse modo, no tópico a seguir serão descritas as repercussões negativas que esse fenômeno desencadeia na prática pedagógica, bem como na saúde das nossas professoras pesquisadas.

4.3. Consequências do mal-estar docente

Esteve (1999) elenca várias consequências para o mal-estar docente, entre elas podemos citar: absenteísmo trabalhista, abandono da profissão docente, repercussões negativas diante da saúde desse profissional, entre outras.

Diante disso, entre os vários questionamentos feitos às nossas pesquisadas, perguntamos quais seriam as consequências do mal-estar para elas enquanto profissionais docentes. Diante de seus discursos, obtivemos respostas que nos possibilitaram organizar em três subcategorias: a primeira de *Ordem Fisiológica*, a segunda *Relacionada ao Desempenho Profissional do Professor* e a última que diz respeito tanto à *Ordem Fisiológica* como também *Relacionada ao Desempenho Profissional do Professor*.

Entendemos como consequências de ordem fisiológica aquelas que comprometem o funcionamento saudável do organismo do indivíduo. No que se refere à subcategoria relacionada ao desempenho profissional do professor, entendemos as consequências que comprometem a prática pedagógica desse profissional e, por fim, consequências tanto de ordem fisiológica como também relacionadas ao desempenho profissional do professor, são aquelas que comprometem tanto o funcionamento do organismo como também a prática pedagógica do professor. Com relação à subcategoria de *Ordem Fisiológica*, obtivemos 50% das falas das analisadas, como apresentaremos a seguir:

Dores de cabeça, desânimo, dores de coluna e nas pernas. (**P2**)

Em mim causa noites de insônia, consequentemente aumento de apetite, irritabilidade, cansaço físico e mental. (**P3**)

Na visão de **P2**, as consequências do mal-estar para ela se manifestam por

meio de dores de cabeça, na coluna, nas pernas e desânimo. Para **P3**, através de noites de insônia, aumento de apetite, irritabilidade, bem como cansaço físico e mental.

Podemos inferir, através dos discursos de **P2** e **P3**, que as consequências do mal-estar docente repercutem negativamente sobre a saúde dessas profissionais.

Nesse contexto, Araújo *et al.* (2005), Mariano e Muniz (2006), em seus estudos, apontam que esse tipo de aspecto ou “patologia” é que faz com que esses profissionais se afastem para tratamento de saúde, principalmente nas doenças desencadeadas no espaço laboral da prática docente.

Outra subcategoria é a das consequências *Relacionadas ao Desempenho Profissional do Professor*. Nessa subcategoria obtivemos o seguinte discurso que contempla 25% das falas de nossas informantes:

Um professor estressado, por melhor que seja, pode não passar o conteúdo corretamente, pode perder o domínio da sala de aula, prejudicando a ele e aos próprios alunos. Estes, por sua vez, podem se tornar cada vez mais indisciplinados, impossibilitando o ensino e comprometendo a relação professor-aluno. (**P4**)

Para **P4** as consequências se demonstram em sala de aula. Segundo ela, um professor estressado, por melhor que seja, pode não conseguir passar o conteúdo corretamente, perdendo o domínio da sala de aula, de modo a prejudicar ele e os próprios alunos. Estes podem se tornar indisciplinados e impossibilitar o ensino, comprometendo então a relação professor-aluno.

Percebemos no discurso de **P4** que as consequências do fenômeno em questão refletem sobre sua prática enquanto professora e recaem principalmente sobre conteúdos a serem ministrados e na indisciplina dos alunos. Esteve (1999, p.61-62) afirma que o absenteísmo trabalhista (a ausência frequente do profissional no local de trabalho), o abandono da profissão, os efeitos negativos da prática docente sobre a saúde dos profissionais e as doenças dos docentes são as principais consequências do mal-estar docente. O autor ainda elenca as principais consequências do mal-estar que incidem diretamente na saúde física e psicológica dos docentes.

1. Sentimentos de desconcerto do magistério e insatisfação ante os problemas reais da prática do magistério, em franca contradição com a imagem ideal do mesmo que os professores gostariam de realizar; 2. Desenvolvimento de esquemas de inibição, como forma de cortar a implicação pessoal no trabalho realizado; 3. Pedidos de transferência como forma de fugir de situações conflituosas; 4. Desejo manifesto de abandonar a docência; 5. Absenteísmo trabalhista como mecanismo para cortar a tensão acumulada; 6. Esgotamento, cansaço físico permanente; 7. Ansiedade como traço ou ansiedade de expectativa; 8. Estresse; 9. Depreciação do ego, autculpação ante a incapacidade para melhorar o ensino; 10. Ansiedade como estado permanente, associado como causa-efeito a diversos diagnósticos de doença mental; 11. Neuroses reativas; 12. Depressões (ESTEVE, 1999, p.78).

A partir do exposto pelo autor, podemos inferir que os sintomas estão diretamente relacionados com as condições laborais, ou seja, as mesmas interferem na dinâmica física e emocional dos professores para alcançar metas no ensino/aprendizagem dos alunos. Interferem também no processo educativo, pois exigem um esforço além das condições oferecidas e reais do professor, desencadeando doenças e comprometendo as funções psicofisiológicas dos mesmos.

Por último, temos a subcategoria que contempla tanto consequências de *Ordem Fisiológica como também Relacionadas ao Desempenho Profissional do Professor*. Nessa subcategoria estão 25% das falas de nossas professoras pesquisadas, como veremos a seguir:

O meu desempenho como professor muitas vezes cai, pois o desânimo, o cansaço e o nervosismo atrapalham bastante. (P1)

Na visão de P1, as consequências do mal-estar docente para ela, enquanto profissional da educação, evidencia-se por meio do cansaço, desânimo e nervosismo, aspectos que, segundo ela, comprometem seu desempenho enquanto docente. Infere-se a partir de sua fala que as consequências do mal-estar tanto comprometem o funcionamento do seu organismo como também sua atividade docente.

Assim, Nóvoa (1992, p.20) explica que “[...] as consequências da situação de mal-estar que atinge o professorado estão à vista de todos: desmotivação pessoal e elevados índices de absenteísmo e de abandono da profissão”.

Desse modo, buscamos descrever e relacionar as três categorias que mencionamos anteriormente: perspectivas em relação à docência das professoras pesquisadas em dois momentos de suas carreiras (no início da prática docente e atualmente), fontes geradoras de mal-estar na profissão docente, bem como consequências do mal-estar docente para elas, no intuito de evidenciar que a atividade docente propicia o desencadeamento de doenças, síndromes e, por conseguinte, mal-estar docente.

Assim, buscamos através deste estudo demonstrar as fontes e as consequências do fenômeno do mal-estar no contexto pedagógico de uma escola de ensino infantil no município de Teresina (PI).

Na medida em que relacionamos as perspectivas das professoras sobre suas práticas docentes e descrevemos fontes e consequências do mal-estar docente para elas enquanto profissionais da educação, buscamos mostrar como se evidencia a profissão de professor na atualidade.

Atualmente, ser professor demanda uma complexidade muito maior que há tempos atrás. Hoje, além de ele lidar com os saberes necessários para o exercício da sua prática pedagógica, precisa também de outros saberes como, por exemplo, o tecnológico e principalmente saberes relacionados à complexidade social, aspecto este não existente no passado (ARAÚJO, 2010).

Com relação à complexidade social mencionada pela autora acima, Esteve (1999) afirma que essas complexidades demandam dos professores uma série de habilidades que não podem ser minimizadas ao âmbito da acumulação de conhecimentos.

O autor ainda evidencia as pressões e as dificuldades que estão associadas diretamente à sobrecarga de trabalho, aspecto este evidenciado por todas as nossas pesquisadas. Portanto, em conjunto todos esses fatores mencionados desencadeiam nos professores diversos sentimentos como: angústia, desmotivação, cansaço e, por conseguinte, mal-estar docente, o que culmina com a fragilização da saúde desse professor e, em casos mais graves, leva ao abandono da profissão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do fenômeno em questão nos possibilita a compreensão das fontes geradoras de mal-estar e que causam sofrimento no trabalho dos docentes. Permite conhecer melhor seus sentimentos e motivações, enquanto profissionais que desempenham um papel fundamental na sociedade, no que se refere ao desenvolvimento de cada aluno, tanto no âmbito escolar quanto na aprendizagem dos mesmos para a vida toda.

Nossa investigação se propôs a analisar a existência do mal-estar entre as professoras em efetivo exercício no contexto atual da escola investigada. Também, objetivou-se demonstrar as expectativas das professoras da escola analisada em relação à sua prática profissional em dois momentos de suas carreiras profissionais: um primeiro momento em início de carreira e, outro, atualmente, além de salientar os fatores geradores na escola de mal-estar docente, bem como demonstrar as consequências deste fenômeno para os profissionais em questão.

Pelo discurso de nossas pesquisadas, podemos dizer que se encontram na escola analisada fontes geradoras de mal-estar que incidem tanto sobre a prática docente como também fatores referentes a condições ambientais, ou seja, no contexto em que se exerce a docência em igual proporção.

As professoras se sentem desvalorizadas, sem motivação por muitos fatores, mas os mais mencionados por elas foram a questão salarial e a excessiva carga de trabalho. Também percebemos queixas com relação ao *status* social que, segundo elas, é incoerente frente ao papel que o professor exerce dentro da sociedade atual.

Em nenhum momento da pesquisa percebemos no discurso das professoras mal-estar docente a ponto de chegarem ao absenteísmo ou abandono da profissão, como a literatura demonstra. Elas mencionam que dentro do contexto laboral existem fontes geradoras de mal-estar e que, a partir destas, existem consequências para elas como cansaço físico e mental, dentre outros.

Acreditamos que o mal-estar relacionado ao fator infraestrutura seja pontual, e que possa ser suplantado a partir de mudanças no ambiente laboral, com reorganização das salas, distribuição e lotação com alunos a partir da sua capacidade. Ao nosso olhar, as professoras apresentam um desgaste natural de qualquer profissão e de qualquer indivíduo. No momento em que pude conviver com as analisadas na referida instituição, onde me encontrava em exercício docente, pude perceber que existiam dias em que as docentes estavam dispostas e mais contentes, outros um tanto desanimadas, mas não havia o desejo por parte delas de abandonar a escola e a profissão.

Com relação à síndrome de *burnout*, não podemos afirmar que nossas pesquisadas se encontram propícias ao seu desenvolvimento, pois, como já foi descrito no estudo, a síndrome está envolta a expectativas frustradas. Nesse sentido, torna-se necessário reforçar duas questões: a primeira é que os discursos das professoras não revelaram frustração em nenhum momento; e a segunda é que foi possível perceber que as expectativas em início de carreira e atualmente se mantiveram as mesmas em todas as professoras.

Apontamos como limitações no estudo a busca de referências bibliográficas no Brasil e de estudos sobre esse fenômeno, pois grande parte das referências é internacional, escrita em língua estrangeira, o que dificulta a aquisição das obras.

Uma das professoras, em um momento de nossa pesquisa, mencionou que uma das consequências do mal-estar seria a questão do rendimento docente que é reduzido. Partindo disso, surgiu em nós outro questionamento que pode se tornar um futuro estudo: Quais as implicações do mal-estar no desempenho da atividade docente?

Nosso estudo finda no mesmo ponto em que se iniciou, com o olhar para o contexto laboral em que se realiza a prática docente e tendo a esperança de que os aspectos aqui levantados despertem os interesses dos pesquisadores pela temática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Renilzia. **Educação alfabetização de adultos**. 2010. Disponível em: <<http://renilziaraujo.blogspot.com/2010/05/e-dificil-dizer-se-ser-professor-na.html>>. Acesso em: 23 jun. 2011.

ARAÚJO, Tânia Maria de *et al.* Mal-Estar Docente: A avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição. **Revista Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v.29, n.1, p.6-21, jan./jun. 2005.

ASSUNÇÃO, Ada Ávila. Saúde e Condições de trabalho nas escolas públicas. In: Oliveira, Dalila Andrade (Org.). **Reformas Educacionais na América Latina e os Trabalhadores Docentes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p.87-102.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, n.1, p.21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

CODO, Wanderley. Burnout, a síndrome da desistência do educador que pode levar à falência da educação. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

COX, Tom. **Stress**. London: Macmillan Press, 1978.

DEJOURS, Christophe. **A loucura no trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1992.

ESTEVE, Jose Manoel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p.27-33.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Vida de professores**. 2.ed. Porto, Portugal: Porto. p.31-61.

JESUS, Saul Neves. **Motivação e formação de professores**. Coimbra: Quarteto, 2000. p.435-436.

LIPP, Marilda Novaes (Org.). **O stress do professor**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

MARIANO, Maria do Socorro Sales; MUNIZ, Hélder Pordeus. Trabalho docente e saúde: o caso de professores de segunda-fase do ensino fundamental. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, v.6, n.1, p. 76-88, 2006.

MELEIRO, Alexandrina Maria Augusto da Silva. O stress do professor. In: LIPP, Marilda Novaes (Org.). **O stress do professor**. Campinas, SP: Papyrus, 2002. p.11-27.

NIMITT, Deise Bordin; PINTO, Celeida Belchior Garcia Cintra. Formação em Pedagogia: expectativas e motivação ligadas à prática pedagógica do professor. **Univ. Hum.**, Brasília, v.5, n.1/2, p.159-180, jan./dez. 2008.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de professores**. 2.ed. Porto: Porto Editora Ltda, 1992.

NUNES SOBRINHO, Francisco de Paula. O stress do professor no ensino fundamental: o enfoque da ergonomia. In: LIPP, Marilda Novaes (Org.). **O stress do professor**. Campinas, SP: Papirus, 2002. p.81-93.

PINTO, Pedro. **Stress ou desânimo???** 2005. Disponível em: <<http://intimista.blogspot.com/2005/06/stress-ou-desnimo.html>>. Acesso em: 12 maio 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

RODRIGUES, Janete Aparecida. **O mal-estar docente: trabalho, saúde e educação**. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC, Santa Catarina, 2009.

TAPIA, Jesus Alonso; FITA, Enrique Cartula. **A motivação em sala de aula**. São Paulo: Loyola, 1999.

WEBLER, Rita Melânia; RISTOW, Márcia Regina R. Mal-estar e os riscos da profissão docente. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v.6, p.55-65, 2006.

Data da submissão: 02/11/11

Data da aprovação: 03/02/12